

Apreciações culturais e políticas na crítica de mídia

Com este dossiê *Apreciações culturais e políticas na crítica de mídia*, a EJM abre espaço para exercícios críticos sobre práticas midiáticas na complexidade de suas inserções no campo do audiovisual (televisão, rádio, cinema, documentário), no jornalismo e nas artes (literatura, artes visuais, música). Tais exercícios se inserem na necessidade de atualização de teorias críticas tradicionais, considerando questões de julgamento, de opinião e de busca por critérios para avaliar tais práticas à luz de suas vinculações econômicas, políticas, sociais, entre outras. A diversidade dos artigos aqui apresentados contempla diferentes perspectivas teóricas sobre crítica e observação crítica de diversos objetos empíricos em circulação nas mídias, com apoio de arranjos metodológicos variados. Na leitura do conjunto do dossiê, temos a própria atividade crítica colocada em questão, vendo discutidas suas condições de produção e problematizando suas finalidades. São trabalhos de clara pertinência acadêmica, dado o momento histórico desafiador em que vivemos atualmente no Brasil, no qual a relevância do senso crítico demanda, mais do que em outros tempos, a livre expressão do pensamento e a pluralidade de visões.

Alguns dos artigos deste dossiê na EJM foram apresentados no “2º. Simpósio de Crítica de Mídia – *Como fazer para criticar?*”, evento promovido pelo Grupo de Pesquisa em Linguagem: Práticas Midiáticas (MidiAto/ECA-USP) e pelo Grupo de Pesquisa Crítica de Mídia e Práticas Culturais (UFSC/USP), e realizado na USP em setembro de 2018. O evento contou com diversas mesas e, para consolidação de seus resultados, foram organizados dois dossiês, um na EJM e outro na revista *Rumores*, da ECA/USP (<http://www.revistas.usp.br/rumores>), agrupando de modo singular as questões e os problemas tratados no Simpósio, que dava continuidade, por sua vez, aos estudos do “1º. Simpósio de Crítica de Mídia – *Como criticam os que criticam?*”, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em setembro de 2017, cujos textos também foram publicados em forma de dossiê, na *Rumores* (<http://www.revistas.usp.br/Rumores/issue/view/10702>). Os dossiês são esforços na tarefa de solidificação das pesquisas realizadas dentro da rede METACRÍTICA – Rede de Pesquisa em Cultura Midiática.

O presente dossiê traz em sua abertura articulações entre crítica cultural e política do reconhecimento, no artigo “Reconhecimento como categoria de crítica cultural”, de Marcio Serelle (PUC Minas). Ao analisar a crítica de filmes como *Pantera Negra* e *O estranho que nós amamos*, o autor encontra resultados que apontam para a emergência de uma crítica menos estética do que ética, que privilegia aspectos identitários das personagens e questões de representatividade na indústria audiovisual. Ainda no campo da crítica de produções audiovisuais, desta

vez produções de televisão, o dossiê apresenta dois artigos. Em “Criticando a TV: considerações sobre o papel da crítica na construção dos gêneros televisivos”, Fernanda Maurício Silva (UFMG) estuda as críticas de especialistas. Na perspectiva dos estudos culturais para a análise de televisão, detém-se particularmente nas críticas publicadas em jornais e revistas nacionais sobre o programa *Fantástico: show da vida* (TV Globo), ao longo de suas três primeiras décadas de veiculação. Na sequência, fazendo a crítica direta de um programa televisivo, os autores Paula Guimarães Simões (UFMG) e Lucas Afonso Sepúlveda (doutorando na UFMG) discutem, em “A mediação do outro na tela da TV: desafios e limites da crítica midiática”, o racismo no programa de TV *Vai fazer o quê?* (TV Globo), observando a forma como a própria narrativa que tenta criticar o racismo brasileiro acaba sendo atravessada, ela própria, por ideologias racistas.

A preocupação com a crítica midiática no campo da arte está no centro da atenção de dois artigos. Eduardo Vicente (USP) recupera, em “A crítica que constrói a música: o curioso caso da MPB”, a trajetória da crítica musical desde a década de 40 para refletir sobre o papel desta crítica no estabelecimento da MPB como uma “instituição”, considerando essa produção crítica, que envolveu intelectuais e artistas de diferentes áreas, como fundamental para a consagração da música popular brasileira enquanto espaço privilegiado de debate político e social. No artigo “O circuito das drogas: mídia e arte na crítica contemporânea”, Maurício de Bragança (UFF) se volta para o imbricamento entre artes plásticas e visuais e o fenômeno do narcotráfico, sendo este último pensado como “problema narco”, marcado por uma forte presença da cultura midiática. Analisa como as obras expostas na exposição *Una linea de polvo, arte y drogas en América Latina* implodiam as distâncias entre mídia e arte, gerando um deslocamento do lugar da crítica de arte tradicional ao ter que lidar com questões que englobam um campo irrestrito de proposições que passam pela economia, medicina, direito e política internacional no âmbito da estética, ética e cultura.

Quando o estudo da crítica se situa no campo do jornalismo, temos igualmente amplitude de debate, passando pela autocrítica, pelas questões provocadas pela crítica da recepção e pelas análises diretas de produções jornalísticas. Abre este conjunto de nove trabalhos, o artigo de Mayra Rodrigues Gomes (USP), “A crítica e o *ombudsman*: algumas interrogações sobre enunciação e discurso”, inserido na ordem da autocrítica e de crítica profissional, especializada. A pesquisadora examina as manifestações críticas da coluna de Paula Cesarino Costa, *ombudsman* da *Folha de S. Paulo*. Tomando a modalidade de crítica que se realiza em tais intervenções, a autora observa nelas modos de ser da prática jornalística em relação ao campo como um todo e em relação à política editorial do veículo e, ao mesmo tempo, discursos que fazem circular em uma cultura. No caso da crítica do jornalismo vinda da recepção, Juliana Doretto (FAM-SP) investiga, em “A mídia manipula quem tem cabeça fechada: adolescentes periféricos e a crítica ao jornalismo”, como esses adolescentes criticam o jornalismo brasileiro e de que forma se mantêm informados. Com base num trabalho de pesquisa-ação com jovens do ensino médio, moradores de bairros periféricos ou de baixa renda, a pesquisa revela certo distanciamento e, sobretudo, desconfiança desses jovens em relação a fontes jornalísticas tradicionais e mostra suas novas rotinas noticiosas, influenciadas por plataformas digitais. Na sequência, Amanda Souza de Miranda (recém-doutora pela UFSC), em seu artigo “A crítica de mídia na circulação dos memes de um episódio do programa jornalístico *Bem Estar*”, parte da ideia de que a

crítica do produto jornalístico feita pela audiência, baseada em seus repertórios sobre o que é e o que deve ser o jornalismo, indica questionamentos e tensões que precisam ser observados analiticamente. Pelos resultados a que chegou, a autora sinaliza congruências e afastamentos entre crítica popular social e crítica acadêmica, que, apesar de ocuparem lugares diferentes, partilham expectativas sobre o que o jornalismo oferece, seja sobre personagens, gêneros e modos de produção.

Na forma de crítica direta de produções jornalísticas, um artigo trata do jornalismo cultural e outros cinco trabalhos problematizam as coberturas da imprensa a respeito de problemas sociais. O trabalho de Sofia Franco Guilherme (doutoranda na USP), “Construções críticas no jornalismo audiovisual especializado de *Starte*”, retoma possibilidades críticas na construção de reportagens do jornalismo cultural na televisão. Busca compreender de que maneira os programas especializados produzidos por emissoras temáticas, por trabalharem com assuntos ligados à arte e atenderem a demanda de um público específico, exploram formas de construção audiovisual sofisticadas, que se diferenciam em alguns aspectos do telejornalismo tradicional. O objeto de análise é a “*Série Corpos*” exibida pelo *Starte*, na *Globo News* em abril de 2014. No artigo “Observatórios de mídia e a comunicação democrática: um olhar sobre as notícias de políticas públicas”, Ana Cristina Menegotto Spanenberg (UFU), Diva Souza Silva (UFU) e Neimar da Cunha Alves (recém-mestre pela UFU) observaram 995 notícias sobre políticas públicas em 37 veículos de comunicação (mídias de Uberlândia/MG, principais jornais digitais da Região Sudeste e veículos de comunicação alternativa digital). Os resultados mostraram o pouco espaço dedicado aos temas educação, habitação, saúde e trabalho, a ausência da sociedade civil e a excessiva burocratização da participação das fontes nessas notícias. Anderson Dias Silveira, em “Crítica da cobertura jornalística de homicídios do *Diário Catarinense* a partir das disposições de classe social” faz uma crítica da cobertura noticiosa de homicídios orientando-se pelas discussões de Jessé Souza (2003, 2009, 2010) sobre as classes sociais no Brasil. O autor analisa as mortes violentas intencionais divulgadas pelo jornal no primeiro semestre de 2017 em Florianópolis/SC, observando as diferenças no tratamento noticioso de homicídios que evidenciam, pelas escolhas jornalísticas, atravessamentos oriundos da estrutura social do país.

A seguir, com interesse no contraponto entre invisibilidade da pobreza e visibilidade das celebridades, os autores Jonas Pilz (doutorando na UFF) e Fernanda de Faria Medeiros (doutoranda na UFMG) apresentam o artigo “O problema não é o que vira notícia, mas o que deixa de ser?: a falta de lugar da pobreza e atenção às celebridades no jornalismo na campanha-crítica da ONG TETO”. Tomam como objeto empírico uma campanha da ONG TETO, divulgada em 2015, sobre a invisibilidade dos pobres *versus* a exposição midiática dada ao cotidiano de artistas brasileiros, e analisam o constante apagamento dos primeiros e a elucidação gritante dos segundos, explicitados por esta campanha. Por similaridade aproximada, Luciane Leopoldo Belin (mestre pela UFPR), no artigo “Das ruas para a mídia: o assassinato de uma mulher em situação de rua no Rio de Janeiro e seu enquadramento midiático”, critica muito detidamente um caso específico de cobertura jornalística, o do assassinato da moradora de rua Fernanda Rodrigues dos Santos, em Copacabana, no Rio de Janeiro, em 2017. A partir de aporte teórico-metodológico de teorias do enquadramento, a autora analisa palavras-chave de 25 textos, pondo em discussão a apresentação estigmatizada da mulher, as justificativas para o crime, a presença tímida das perspectivas de gênero e do contexto social. Encerrando o dossiê, o trabalho

“A problemática da crítica no jornalismo independente”, de Marcelo Engel Bronosky (UEPG) e Luciane Justus dos Santos (mestre pela UEPG), direciona-se à articulação dos elementos *ombudsman*-leitores para avaliar que perspectivas estão colocadas nas experiências de jornalismo independente online, com foco nas críticas relativas aos modos do fazer jornalístico. Com este estudo, problematizam a reduzida presença de espaços de crítica nas experiências autodenominadas independentes no jornalismo brasileiro.

Esperamos com este dossiê destacar, mais uma vez, a responsabilidade de tomar a crítica de mídia como uma tarefa acadêmica. Os textos aqui publicados respondem a isto, enfrentando principalmente as implicações éticas, culturais e políticas da crítica na afrontosamente desigual sociedade brasileira.

Gislene da Silva (UFSC)

Rosana de Lima Soares (USP)